

## A filosofia a ser ensinada: pensamento e filosofia em Xavier Zubiri

**Renata Tavares**, Graduada em Filosofia, Mestre em Ciência da Literatura e Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professora do curso de Filosofia e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), câmpus de União da Vitória, [renata.ribeiro.tavares@gmail.com](mailto:renata.ribeiro.tavares@gmail.com)

---

**Resumo:** O presente trabalho explora, ainda que de forma breve, os fundamentos da metafísica de Xavier Zubiri e procura, a partir deles, apontar para a necessidade de se repensar o conceito de filosofia, o que levado à discussão do papel da filosofia dentro da escola de nível médio, incita uma série de reflexões importantes e pouco realizadas atualmente. Zubiri é um autor que, ao construir a proposta de uma metafísica consoante com a física do século XX, busca trazer a filosofia para o seu objeto original, a realidade material, da qual foi se afastando ao longo de toda a sua História. A crise atual do pensamento apontada por inúmeros autores de filosofia contemporânea tem em Zubiri um diagnóstico bastante específico: a tentativa da filosofia de promover uma razão independente do corpo. Apresenta-se brevemente o conceito zubiriano de inteligência senciente, ideia que nos obriga a questionar os caminhos que segue a filosofia atual. Para Zubiri, o caminho deveria deixar ser o de (apenas) anunciar o próprio fim e criticar o próprio passado, para ser o de uma revalorização da racionalidade, só que em nova perspectiva.

**Palavras-chave:** Ontologia; Ensino de Filosofia; Xavier Zubiri.

### The kind of philosophy that should be taught: thought and philosophy in Xavier Zubiri

**Abstract:** this text briefly explores the fundamentals of Xavier Zubiri's metaphysics, and brings from them the need to rethink the concept of philosophy. Taken to the discussion of the role of philosophy in high-school education, these fundamentals indicate important questionings, which are not being made these days. Zubiri is an author who builds a metaphysical theory totally in accordance to the development of physics in the XX century, and tries to bring philosophy back to its original object, which is the material reality, from which it has been gradually eloping through all its History. The crisis of thought in contemporary times, pointed out by innumerable authors, has in Zubiri a very specific diagnosis: the attempt of philosophers since early times to promote an autonomous reason, one that is independent of the body. Zubiri's concept of sentient intelligence is here briefly presented, and takes us to questioning the paths that nowadays philosophy follows, that is, the possibility that it might not be (only) the criticizing of the past, and the assuming of weariness, but become a reassessment of rationality, in a new perspective.

**Keywords:** Ontology, teaching of Philosophy; Xavier Zubiri.

---

## Introdução

Bertold Brecht, em seu conhecido poema *Aos que virão depois de mim* resume em poucas palavras a questão que poderia ser o próprio espelho do homem do século XX:

É verdade, eu vivo em tempos negros.  
Palavra inocente é tolice. Uma testa sem rugas  
Indica insensibilidade. Aquele que ri  
Apenas não recebeu ainda  
A terrível notícia.  
Que tempos são esses, em que  
Falar de árvores é quase um crime  
Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades? (BRECHT, 2000, p. 212-14)

Pedindo o perdão daqueles que viriam depois dele, descreve sua voz rouquenha e os traços deformados pelo ódio ao vil. Não há como não se endurecer diante da atrocidade e da normalização da barbárie e, se Brecht em seu contexto não falava por pudor, hoje talvez não se fale por simples alienação.

“Falar de árvores” é tarefa da poesia, das crianças e de certo tipo de filosofia. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche é o primeiro e mais marcante exemplo deste movimento típico da filosofia contemporânea, pois para além de criticar a construção racional teleológica nadificadora que é a metafísica ocidental, propõe a afirmação do humano em sua potência de vida, termo que aqui não se confunde com a voraz dominação do homem que escraviza o homem, mas significa leveza, inocência, dança, verdade para além da racionalidade, ética para além da moral. Assim alvoreceu a filosofia no século XX, no suspiro que se pretendeu uma aurora.

Contudo, o pensamento da liberdade nunca foi suficiente para fazer frente à violência ao pensamento, feita em moldes muito específicos só alcançados pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação em massa. Calar o raciocínio e toda criatividade que não estejam a serviço do sistema de exploração capitalista e fazê-lo a cada dia com instrumentos mais eficazes de controle, é um mote que não se pode deixar de ver. Ele se explicita quando vendemos a arte, a cultura, a produção científica, os princípios educacionais e todos os bens própria e unicamente de pensamento aos interesses de detentores de capital. Este é o *modus operandi* do capitalismo tardio e o delito de que fala Brecht não deixou de ser atual, quase depois de um século.

Pensando neste contexto mais amplo, a discussão acerca da manutenção ou não da filosofia no contexto escolar brasileiro (da forma como previu a lei nº 11.684 de 2008 e, que

acaba de perder a vigência pela redação dada pela MP 746, de 2016) é uma discussão que ultrapassa o complicado momento político por que passa o nosso país. Como coloca o filósofo Byung-Chul Han (2015), o resultado do modo de vida que levamos dentro do processo de produção e acumulação capitalista atual é o que chama de uma *sociedade do cansaço*.

Trata-se de um modo de vida que preconiza a eliminação de toda alteridade, a homogeneização e a padronização do pensamento, o que se dá por meio de um excesso de positividade e transparência. Os estados de ambiguidade, as questões e tudo aquilo que não cabe no raciocínio da produtividade tende a ser eliminado. Mas devemos apontar que são justamente estes os objetos da filosofia, enquanto lugar da discussão, enquanto lugar de vigência e do próprio reconhecimento da alteridade. Dentro desta perspectiva, o filosofar é, para uma grande maioria, uma atividade incômoda e indesejável.

A intenção deste texto é a de apontar, a partir deste contexto geral, o caráter ontológico da importância da filosofia e da clareza com que defendemos a sua manutenção na escola. É óbvio que, longe de destituir, a fundamentação ontológica deve sustentar nossas decisões e posturas nos conflitos de interesses políticos em jogo no panorama que nos apresenta. Mas é preciso lembrar que o papel da filosofia deve justamente do seu conceito. Este conceito precisa ser discutido face aos questionamentos elaborados pela filosofia do século XX, isto é, precisa ser discutido justamente em face do anúncio de seu fim.

Para tanto, buscamos inspiração no pensamento de Xavier Zubiri. O filósofo basco-espanhol é menos conhecido fora de seu país natal do que os representantes da filosofia contemporânea francesa ou alemã, mas merece uma atenção especial, uma vez que traz respostas muito originais e também problemas não pensados dentro da crítica da filosofia à sua própria história. Desenvolverei aqui quais são os problemas e as respostas, mas, antes de tudo, é preciso salientar o quanto é essencial dentro de sua proposta o reconhecimento da questão do que seja a filosofia não só como uma questão relevante para o pensamento filosófico, mas central para qualquer outro desenvolvimento dentro da filosofia. O conceito que adotamos de filosofia implica em consequências diretas em todos os seus campos, assim como, da maneira como pensa Zubiri, foi justamente o que fundamentou os criticáveis pressupostos do pensamento racionalista metafísico. É preciso pensar este conceito crucial se queremos de fato um caminho para a superação destes paradigmas.

## O fim da filosofia e a tarefa do pensamento

O conhecido e belo título da obra de Heidegger é a síntese de um problema que constituiu uma interrogação fundamental e motivadora do pensamento de Xavier Zubiri, desde sua juventude. É justamente uma certa inconformidade com o pensamento de Heidegger, a quem Zubiri admirou como mestre e filósofo, que o levou a desenvolver toda sua filosofia. Esta, sublinhamos aqui, é uma filosofia da realidade, na contramão de um tempo em que a ontologia parecia uma questão vencida.

Este é o termo primeiro e essencial de todo o seu pensamento: realidade. Pois, embora Heidegger de fato fizesse uma crítica importante à constituição histórica do pensamento metafísico e, estivesse correto quanto às limitações impostas ao homem por esta perspectiva, Zubiri ainda via no pensamento de superação da metafísica heideggeriano uma continuidade do processo de desenraizamento da realidade de todos os autores racionalistas e clássicos da filosofia.

Zubiri parte fundamentalmente do ponto em que, com a filosofia de Husserl, decretou-se a impossibilidade de se dizer que a consciência atinge de fato algo fora de si, ou seja, da ideia de que o mundo não é mais que consciência de mundo. Sua busca por um objetivismo, ou seja, por uma defesa da possibilidade mesma de se conhecer a realidade, o acompanha ao longo de toda a sua trajetória filosófica e tem dois momentos bastante marcados: as obras *Sobre a Essência e Inteligência Senciente*, que interligadas, fazem de Zubiri o proponente corajoso de uma metafísica do século XX.

Essa metafísica consiste, primeiro, em tomar como objeto da filosofia a realidade física. Em *Sobre a Essência*, que tem como mote justamente o conceito filosófico mais criticado pelo pensamento posmetafísico, Zubiri procura demonstrar que desde os gregos, o que a filosofia fez foi criar conceitos afastados da matéria, desenraizados da realidade material. E é este movimento, e não um esquecimento do ser, dado por uma série de traduções e mudanças de significados, como defende Heidegger, que cria os excessos racionalistas da metafísica.

Zubiri escreve longas e cruciais críticas a filósofos clássicos, analisando suas visões sobre o conceito de essência, a saber: Husserl, Hegel, os racionalistas modernos de Descartes a Kant, até chegar a Aristóteles. Pinça de todos eles o principal motivo de afastamento da realidade sensível, para, num segundo momento, defender a sua ideia de essência como

momento real da coisa mesma, o que significa dizer muito claramente, da coisa fisicamente percebida. Vale acrescentar ainda que Zubiri pensa esta metafísica da realidade no encontro com os conhecimentos desenvolvidos pela física pós-1916, o que significa dizer que foi o único autor de filosofia contemporânea a propor em primeiro lugar, um conceito de realidade como um todo, e além disto, de uma realidade física a partir do que propõe o conhecimento desenvolvido pela ciência física da natureza do último século.

Obviamente, a questão de Husserl da impossibilidade do conhecimento não fica aí resolvida. Zubiri faz uma proposta, em sua trilogia *Inteligencia Senciente*, terminada meses antes de sua morte. É uma obra longa que defende fundamentalmente a ideia de que a cisão entre pensar e sentir é um erro originário da filosofia. Desde que, em algum momento, o homem pretendeu isolar o pensamento de uma realidade física da sensação, criou-se uma forma de entender o mundo que não corresponde efetivamente à nossa inteligência.

Para Zubiri, a inteligência humana é senciente: os atos de sentir e pensar não são de forma alguma separados e a realidade nos é dada numa intelecção originária, justamente porque pensar faz parte do sentir e sentir faz parte do pensar. As duas coisas são momentos indistinguíveis do ato de entender. De forma que pensar a consciência e a realidade separadamente seria impossível. A consciência é consciência da realidade e, a realidade é realidade para a consciência, só que dada com indiscernível força de imposição ao pensamento, o que faz Zubiri defender a fisicalidade desta imposição.

Com estas duas obras, Zubiri nos obriga a refletir sobre a seguinte questão: não seria aquilo que a filosofia do século XX criticou, isto é, o pensamento racionalista e metafísico dogmático, justamente um erro inerente ao ato de filosofar, da maneira como ele foi entendido? O dogmatismo da Razão não é justamente a consequência da falsa suposição da independência da racionalidade em relação ao corpo, que Platão instituiu? E mais ainda, entender, como Heidegger e a grande maioria dos filósofos da atualidade, que todo problema filosófico é fundamentalmente uma questão de linguagem, não configuraria ainda uma continuidade do afastamento da filosofia de seu objeto principal, a realidade física como um todo?

Zubiri responde afirmativamente a estas indagações. Longe de uma questão de esquecimento de sentidos originais, a metafísica clássica se pautou em um entendimento pretensioso, idealizado, que nada mais é do que uma suposição.

## Um titubeio no arranque do filosofar

A metafísica defendida por Zubiri, fundamentada na ideia de uma inteligência senciente, configura uma proposta fenomenológica que poderíamos caracterizar como pensada a partir de um primeiro Husserl. Trata-se da insistência na ideia de intencionalidade, contra a qual não faltariam argumentos do próprio Husserl e de tantos outros filósofos depois dele.

Porém, o que se há de perguntar é se a questão de Husserl tem solução. Zubiri parece reconhecer em Husserl uma espécie de culminação do problema da racionalidade filosófica. Isto é, se levada às últimas consequências, de fato, não se pode distinguir consciência e realidade, não se pode estar fora da própria consciência. Estamos aí diante do limite que é inerente à própria concepção de uma racionalidade que se coloca como independente do corpo.

Zubiri entende que Husserl funciona como um ultimato. Ou a racionalidade precisa repensar a si mesma, ou a filosofia tem que ser realmente declarada o campo onde só se trata de problemas humanos de linguagem. E ele prefere o primeiro caminho. Pois as armadilhas do pensamento racional só existem por uma postura bem clara de idealização: um contínuo afastamento da realidade, na medida em que se criaram conceitos sem nenhum conteúdo sensível, proposta que se pauta única e exclusivamente na tentativa de separação dos estados mentais do homem de sua realidade física.

E o que parece constituir o fundamento mais original deste erro, que Zubiri designa como um *titubeio no arranque do filosofar* é a substantivação do ser. A confusão entre realidade e ser une as duas pontas da filosofia, desde os gregos até Heidegger. O ser substantivado e somente percebido pela razão seria, para Zubiri, desde sempre, uma mera suposição. Filosofar é perguntar pela realidade como um todo e não pelo ser como um todo. Simplesmente pensá-lo já é criar uma idealidade substantivada, que não é matéria de maneira alguma.

Zubiri insiste ao longo de toda a sua obra filosófica que ser é a realidade dando de si, isto é, dando-se a partir do que é “de seu”. Neste ponto, poderíamos dizer que praticamente toda a sua proposta filosófica é uma tentativa de superação de Heidegger, entendendo que o filósofo alemão pensa a necessidade de se recolocar o problema do ser, no sentido de não o

fazer sinônimo de um conceito estático, mas não compreende que ainda enquanto verbo, ser é uma ideia vazia. O que se dá é o real, tão simplesmente: o real dá “de seu”, então “é”.

Um dos exemplos mais claros disto é a discussão que faz, em *Sobre a Essência*, acerca dos conceitos de *Zuzandenheit* e *Vorhandenheit* de Heidegger. Zubiri não compartilha da ideia de que a realidade de um martelo é o seu ser para martelar. Há uma realidade primária, que são as notas que configuram concretamente este “algo” que chamamos martelo e que em nossas vidas funciona como objeto para martelar. É esta realidade primária que Zubiri insiste que pode ser conhecida e que deve ser recolocada como o objeto mais próprio da filosofia.

Así escribiría: “El primer problema de La filosofía, el último mejor dicho, no es la pregunta griega: Que es el Ser?, sino algo, como Platon decía, que está más allá del ser”(NHD, 240) ... es la *realidad*. Esta idea de que la realidad está “más allá del ser” constituye un nivel clave en que se desenvuelve la filosofía (metafísica) de Zubiri. (POSADA, 2004, p 53)

A metáfora de Zubiri é a de que se há uma “luz do ser”, sobre a qual Heidegger elabora todo o seu pensamento, é preciso perguntar pela fonte desta luz: pela luminária. Para ele, a luminária é o real em si, que é a matéria propriamente dita, apreendida de forma primordial pela inteligência senciente.

No lugar, portanto, de uma superação da metafísica, Zubiri propõe que a filosofia que se vê crítica do passado se volte a construir uma atualização da metafísica. Que, tomando como objeto a realidade física, construa conceitos para que se possa falar dela sem as idealizações características da metafísica tradicional, mas também sem abandonar-se ao não falar. Conceitos como o de campo, essência, talidade, respectividade e tantos outros são exemplos de um falar da realidade material em total acordo com o que se descobriu dela na física contemporânea.

É de se notar que no século XX não haja nenhum outro autor que se proponha a criar uma metafísica para falar do universo como a física o vê, depois de tantas revoluções. Tem-se hoje um conhecimento assombroso da realidade, para o qual faltam conceitos filosóficos. A tentativa de Zubiri de propor este caminho faz-nos também pensar qual é a utilidade de uma filosofia que faz crítica do passado, mas que não se propõe a construir nada para o futuro, ou sequer a acompanhar as discussões teóricas de seu próprio tempo. Seria este, afinal, a consequência um tanto ilusória, um tanto estagnante, advinda da fenomenologia de

Husserl e da leitura a ela dada por Heidegger? Esta é, sem dúvida, uma questão que merece ser discutida.

### **A filosofia a ser ensinada**

Zubiri tem o grande mérito de repensar o papel da filosofia e isto interessa diretamente a discussão relativa à filosofia escolar. A crítica ao passado filosófico precisa ser feita, na perspectiva de Zubiri, a partir de um novo diagnóstico. Não o de uma impossibilidade inerente ao pensamento racional, mas o de uma escolha, ou de um lapso, em todo o caso, de um caminho que pode ser refeito. Esta posição tem consequências muito interessantes para serem pensadas, se queremos ainda uma filosofia para o século XXI e, se a queremos, também, dentro da escola.

Logo de início, precisamos considerar que leituras superficiais da ideia de crítica à metafísica são extremamente prejudiciais dentro do trabalho com filosofia. Vale aqui dar ênfase à obra *Imposturas Intelectuais*, de Bricmont e Sokal (2014) em que os autores procuram demonstrar uma série de inferências de filósofos contemporâneos feitos em total desconhecimento de pressupostos da física, ou até no uso de má-fé deles, na tentativa de projetar a nível da realidade física a mesma ambiguidade da linguagem humana. A filosofia de Zubiri, certamente, apropria-se da física sem esta má-fé e tem a intenção justamente oposta.

É preciso ter clareza de que em relação ao homem e a tudo que o diz respeito enquanto linguagem, a ambiguidade é um caráter que não pode nem precisa ser superado. É a nossa condição. Mas isso não equivale a dizer que a ambiguidade seja um caráter do real. A ambiguidade não é física, nem as coisas físicas advêm misteriosamente, sem causalidade. Muito da defesa de um relativismo epistêmico radical em nossos tempos está baseada em interpretações errôneas da ciência da natureza.

No que tange especificamente ao trabalho com filosofia em nível Médio, se nós, professores, pudermos ter o olhar aberto para uma leitura cuidadosa dos caminhos da filosofia do século XX, podemos desenvolver algumas atitudes não muito valorizadas hoje, mas essenciais para o futuro. E a primeira delas seria dar ênfase efetiva à relação entre filosofia e ciência, trazendo a discussão de caráter geral, ontológica, para o diálogo com os conhecimentos da ciência da atualidade.



Francisco Gonzales de Posada, físico e estudioso da obra de Zubiri, afirma contundentemente em sua obra *La física del siglo XX em la filosofía de Zubiri*, que a física do século XX é o próprio fundamento da metafísica de nosso autor. As proposições da física relativista e quântica estão muito bem colocadas como motes dos conceitos construídos por Zubiri, o que leva ao entendimento da realidade como dinâmica e demonstra como grande parte dos conceitos filosóficos da tradição são absolutamente inadequados para entender o universo hoje, (embora insistamos nelas tanto no cotidiano quanto na escola)

Numa formulação de Posada:

La materia física se considera como *realidad material* que “de suyo” es estructura y también “de suyo” es activa por sí misma: “da de sí”. Y como consecuencia del “dar de sí” se presenta en muy diversos tipos.

(...) Finalmente, y sólo a título de anuncio, puede decirse que las *realidades materiales*, en tanto que *materia estabilizada*, son seres. Pero esta cuestión precisa de nuevos tratamientos. (2001, p. 130)

Esta atitude de aproximação efetiva entre duas áreas de conhecimento, demonstrando o quanto a discussão é profícua, é uma mostra clara de que a filosofia não é um discurso inútil, desinteressante ou desinteressado e sim um caminho de conhecimento tanto quanto qualquer outra disciplina estudada. Isto contribui por si só para a construção do valor da filosofia, que não é dado por questões alheias ao seu próprio conteúdo, mas simplesmente, pela sua atualidade do questionamento que a move.

Um segundo ponto a ser pensado com cautela é o fato de que qualquer postura relativista ou de falta de clareza e de definições conceituais tem a chance de corroborar em termos de ideologia com os ditames do capitalismo avassalador que já vivemos. E ao invés de contribuir para questionar os pressupostos da já aludida sociedade do cansaço, pode figurar como mais um discurso na multitude horizontal dos muitos discursos aos quais não se pode ou não se precisa atribuir valor.

Como dissemos, a filosofia é o lugar da alteridade, do diálogo e da contradição e isto precisa ser afirmado e desenvolvido ao longo de todo o trabalho na escola, sendo a ideia de desconstrução absolutamente vital. Porém, isso não significa neutralidade, portanto, ela é também o lugar onde todos os valores criados estão em jogo. Para criar a capacidade de analisar valores, do ponto de vista crítico e apoiado na ideia da historicidade do conhecimento, é preciso construir no aluno a clareza suficiente para o trabalho com conceitos. Infelizmente, é preciso reconhecer que há muita leitura superficial do que seja

crítica à história da filosofia no que diz respeito às discussões políticas, o que acaba gerando relativismos pouco fundamentados e ainda mais perigosos.

### **Considerações finais**

O caminho, na visão de Zubiri, para um pensamento de liberdade não passa, como procuramos demonstrar, pela demonização da racionalidade. A racionalidade humana é nada mais do que a realidade humana e, se ela é pensada de maneira falsificadora, idealizada, e efetivamente raiz de uma série de males que os filósofos do século XX tiveram o mérito de apontar, isto se deu porque se buscou pensar nela uma coisa que não é. O problema da metafísica tradicional é o de projetar uma racionalidade que não existe. Mas a racionalidade existe e corporalmente colocada, ela é a realidade humana como um todo.

Muitas são as questões e desdobramentos a serem pensados a partir das colocações zubirianas. Mas queremos enfatizar aqui, acima de tudo, que a perspectiva aberta por Zubiri é a de reconhecer que já é o momento de a filosofia ir além da discussão acerca do seu fim, especialmente aquela que se satisfaz ao nível superficial da impostura, para começar a criar gerações mais aptas a um questionamento, digamos, mais “técnico” do ponto de vista filosófico. Já é tempo de que o questionamento não se confunda com um sombreado relativismo, mas que seja efetivamente o fazer uso de uma racionalidade entendida como corporal e apenas humana, e o reconhecimento de que ela é eficaz e necessária para o conhecimento da realidade, para o julgamento político e para a tomada de decisões para o futuro.

### **Referências**

BRECHT, Bertold. **Poemas 1913-1956**. São Paulo: Editora 34, 2000.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PALÁS, Raúl Gabás. **História de la Filosofía. Tomo 3 – Filosofía del siglo XX**. Barcelona: Herder, 2011.

POSADA, Francisco González. **La física del siglo XX em la metafísica de Zubiri**. Madrid: Instituto de España, 2001.

- \_\_\_\_. **Introducción a Inteligencia Sentiente.** In: ZUBIRI, Xavier. **Inteligencia sentiente.** (Edición abreviada por Francisco González de Posada). Madrid: Tecnos, 2004.
- SAN JUAN, Víctor Manuel Tirado. **Intencionalidad, actualidad y esencia: Husserl y Zubiri.** Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2002.
- SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.
- ZUBIRI, Xavier. **Cinco lecciones de filosofía.** Madrid: Fundación Xavier Zubiri /Alianza Editorial, 2010.
- \_\_\_\_. **Inteligência e logos.** São Paulo: É Realizações, 2011.
- \_\_\_\_. **Inteligência e razão.** São Paulo: É Realizações, 2011.
- \_\_\_\_. **Inteligência e realidade.** São Paulo: É Realizações, 2011
- \_\_\_\_. **Naturaleza, historia, Dios.** Madrid: Editora Nacional, 1955.
- \_\_\_\_. **Sobre la esencia.** Madrid: Fundación Xavier Zubiri /Alianza Editorial, 2008.